



ARTICLES/ARTIGOS/ARTÍCULOS/ARTICLES

## Os circuitos de produção e os círculos de cooperação em Uberlândia-MG, Brasil

**Doutoranda Cintia Neves Godoi**

Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás

**E-mail:** cngodoi@yahoo.com.br

### ARTICLE HISTORY

**Received: 17 November 2010**  
**Accepted: 14 December 2010**

### PALAVRAS CHAVE:

Circuitos de Produção e Círculos de  
Cooperação,  
Empresas  
Uberlândia-MG

### RESUMO

O presente artigo apresenta uma análise do papel das empresas de comunicação e transporte de Uberlândia-MG no processo de especialização territorial do município. A partir do entendimento das relações entre quadro político, social e econômico de Uberlândia-MG, se buscou compreender como se constituíram os Círculos de Cooperação e Circuitos da Produção no processo histórico, considerando as empresas de tecnologia da informação como responsáveis pelos círculos de cooperação, e as empresas de transporte como principais responsáveis pela inserção local no Circuito da Produção. Deste modo, procurou-se identificar o papel das empresas no posicionamento de Uberlândia como importante centro prestador de serviços no estado de Minas Gerais e detalhar, como se estruturou cada circuito e círculo e suas relações no espaço, para compreender como o município em questão se articula com diferentes pontos no território brasileiro e no mundo.

### KEY WORDS:

Production Circuits  
Cooperation Circles  
Companies  
Uberlândia-MG

**ABSTRACT** – THE PRODUCTION CIRCUITS AND THE COOPERATION CIRCLES IN UBERLÂNDIA-MG, BRAZIL. This paper presents an analysis of the role of the communication and transport companies of Uberlândia-MG in the territorial specialization process. With a short analysis of the social economic and political condition of Uberlândia-MG we tried to understand how have been constituted the Cooperation

Circles and the Production Circuits in the historic process, with the communications companies being responsible for the cooperation circles and the transportation companies as the responsible for the local insertion in the production circuits. Therefore we try to identify the paper of the companies in the position of Uberlândia-MG as an important service provider in the State of Minas Gerais and expose how have been structured each circuit and circle and their relationships in the space to comprehend how Uberlândia-MG made some articulations with different points in the Brazilian and world territory.

---

## 1. Introdução

O presente artigo busca compreender o papel das empresas de comunicação e transporte na especialização territorial de Uberlândia-MG. Este trabalho é parte de dissertação defendida, no qual apresentaremos uma análise dos Circuitos da Produção e dos Círculos de Cooperação; como conceitos construídos pelo pensamento de Santos (1994) para auxiliar a pensar a espacialização da produção; que foram estabelecidos pelas empresas locais e transformaram a dinâmica do município e a regional.

Godoi, (2007), ao analisar o papel das empresas de comunicação e transporte locais concentrou seu olhar nas empresas do *Grupo Algar* e do *Martins Atacadista*. As empresas em questão se consolidaram localmente através da estratégia de prestar serviços de comunicação e transporte, respectivamente, inicialmente dentro do município e avançando aos poucos para o interior do território, especialmente para áreas que não eram atendidas ou não estavam situadas nos eixos principais do país. Assim, Uberlândia foi ascendendo na hierarquia urbana e regional e ampliando sua área de influência. Portanto, estas empresas serão analisadas como agentes da transformação da dinâmica do município.

Uberlândia, situado no Triângulo Mineiro, é um dos principais municípios do Estado de Minas Gerais, possui uma população que ultrapassa 600.000 habitantes<sup>1</sup> e é o terceiro colocado no ranking dos municípios geradores de renda, ficando atrás de Belo Horizonte (capital do Estado) e Contagem (situada na região metropolitana de Belo Horizonte). A evolução do Produto

---

<sup>1</sup> Segundo o IBGE, a população estimada em 2009 é de aproximadamente 634.345 habitantes.

Interno Bruto que se constitui, principalmente, a partir do papel da indústria e do setor de serviços.

Sabemos que ao longo de seu processo histórico de desenvolvimento Uberlândia, se estruturou como um local especialista no setor de serviços, de tal maneira que, segundo o Painel de Informações Municipais (2003), no ano de 1990, este representava 56,13% do PIB, enquanto o setor industrial alcançava 39,80%. Em 2009, o mesmo documento continua apontando que o setor de serviços representa mais de 50% da riqueza gerada localmente, ressaltando ainda, que o município é o segundo maior do estado em número de habitantes, concentra o segundo maior polo consumidor e o terceiro maior produto interno bruto do estado<sup>2</sup>.

Temos em questão, portanto, um município cuja arrecadação se concentra no Setor de Serviços e cuja especialização neste mesmo setor é destaque no estado.

Mas, o Setor de Serviços não surge a partir de um município já consolidado. Ao contrário, o município de Uberlândia nasceu e se desenvolveu em função deste. Pois, Uberlândia tem início como um entreposto comercial, local de pouso, e aos poucos expandiu seu papel de prestador de serviços em função das empresas que ali surgiram criaram e fortaleceram a centralidade local.

No documento Perfil de Minas Gerais (2008), da Fundação João Pinheiro, os dados demonstram que Uberlândia está posicionado como o quarto município do estado em arrecadação, atrás da capital Belo Horizonte, de Betim e Contagem, ambas situadas na região metropolitana da capital.

A importância assumida pela prestação de serviços também pode ser percebida no Informativo CEI elaborado pela Fundação João Pinheiro acerca do PIB de Minas Gerais<sup>3</sup>. O documento apresenta o perfil da produção e arrecadação dos municípios do estado e aponta que Uberlândia se destaca no Setor de Serviços. Segundo o estudo os municípios mais importantes de Minas Gerais no que tange ao setor de serviços são os localizados na Região Metropolitana de Belo Horizonte e Uberlândia. Em primeiro lugar, está a

---

<sup>2</sup> Painel de Informações Municipais. Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>3</sup> Informativo CEI – Centro de Estatística e Informações da Fundação João Pinheiro.

participação de Belo Horizonte, em segundo, Betim e em terceiro, Uberlândia. De acordo com o documento, Uberlândia ascende no ranking do setor em função do crescimento do comércio atacadista, ocupando a terceira colocação em 2009, posição que no anterior era ocupada por Contagem.

Cabe ressaltar, que o setor industrial e o agropecuário também são importantes no município, ocupam o terceiro lugar em produção agropecuária no estado, e, o quarto no *ranking* estadual de produção industrial.

Para analisar a dinâmica e a importância do setor de serviços em Uberlândia é preciso saber quem são os maiores representantes em arrecadação municipal, pois esta demonstra a relevância das empresas e dos setores para o município.

De acordo com o BDI - Banco de Dados Integrados da Prefeitura Municipal de Uberlândia, o município tem participação percentual na receita pública local de arrecadação em sua maioria municipal (45%), em segundo lugar estadual (33%), em terceiro lugar federal (13%) e outros (9%). Isto quer dizer que os agentes locais são de suma importância para o município.

A arrecadação municipal é realizada em grande parte através de vários impostos que pertencem ou retornam em alguma parcela para o local; são eles: o ISS (Imposto sobre Serviços), o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano), o IPVA (Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores), o ITBI (Imposto sobre transição de bens imóveis) e o ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços de transporte interestadual, intermunicipal e de comunicação).

Para descobrir quem são os responsáveis pela arrecadação municipal é importante atentar para o ISS e o ICMS, pois estes são impostos ligados ao setor de Serviços, que é o setor que mais soma impostos no município como vimos anteriormente. Além disso, o ICMS tem relação direta com as atividades das empresas em questão, pois é um imposto sobre circulação material e imaterial que, pela lei tem 50% da sua arrecadação voltada ao município.

Os dez maiores arrecadadores de Imposto sobre Serviços<sup>4</sup> (ISS) com sede em Uberlândia foram: *Martins*, *CTBC* (pertencente ao Grupo Algar), *ARCOM*,

---

<sup>4</sup> Banco de Dados Integrados de Uberlândia

Peixoto, Granja Rezende, Engeset (pertencente ao Grupo Algar), Transcol, Braspelco, Uberlândia Refrescos e União<sup>5</sup>.

No que diz respeito à arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços de transporte interestadual, intermunicipal e de comunicação (ICMS), segundo a Revista Negócios, a CTBC está dentre as vinte empresas de maior arrecadação. De acordo com o *Jornal Correio*, em 2005, os três maiores arrecadadores do município são: em primeiro lugar o setor de combustível, responsável por 270 milhões de reais; o ramo de cigarro ocupa o segundo lugar com 200 milhões; e em terceiro lugar está a área de comunicação responsável por 170 milhões de reais.<sup>6</sup> Esses três grandes setores são responsáveis por 50% da receita do ICMS no município.

Ainda, para o Superintendente Regional da Fazenda em 2005, Francisco Flávio Silva do Nascimento, o setor de combustível lidera o ranking de arrecadação porque está situada em Uberlândia a segunda maior base de distribuição do estado. O setor de cigarros é o segundo do ranking por ser a única indústria de Minas Gerais que produz e distribui a produção por todo o país e pelo fato de os impostos serem maiores em relação a essa produção. O terceiro maior representante da arrecadação de ICMS são as empresas de telecomunicação, comunicação visual e televisão a cabo da cidade, empresas pertencentes ao *Grupo Algar*.

Compreender o papel de Uberlândia como especialista exige, portanto, entender que quem serve, serve alguém, serve outros espaços que se relacionam com o local em questão buscando ou sendo chamados a usufruir deste setor de serviços. E, nesse caso, este perfil foi adquirido ao longo da história da cidade, especialmente pela elite empresarial que foi se estabelecendo. Esta elite foi fundamental para posicionar Uberlândia como centro participante em uma divisão do trabalho, pois estabeleceu contatos e criou dependência de fluxos a partir do local que se estendeu à escala regional e nacional como veremos a seguir.

---

<sup>5</sup> Arcom, Peixoto e União também são atacadistas que surgiram em Uberlândia após o Martins. A Granja Rezende e Uberlândia Refresco pertencem à indústria alimentícia. A Transcol é uma empresa de transporte de passageiros e a Braspelco uma empresa de tratamento de couro e peles.

<sup>6</sup> Cabe lembrar que os Atacadistas presentes em Uberlândia não estão entre os maiores arrecadadores em função da distribuição de escritórios em outros Estados, estratégia que visa buscar uma diminuição dos custos pela diferença de recolhimento de impostos nos Estados.

## 2. Os agentes e a dinâmica dos circuitos de produção e círculos de cooperação em Uberlândia-MG

O cenário destacado no início do artigo aponta alguns dados referentes à economia atual do município e quem são os principais agentes do setor de serviços em Uberlândia.

A partir de agora, apresentaremos mais detalhadamente alguns agentes e ações que transformaram a dinâmica do município, elevando-o na hierarquia urbana e regional que como vimos se torna um dos principais municípios prestadores de serviços no Estado.

A história do Município e dos agentes se mesclam e se confundem para produzir a configuração acima exposta. Obviamente são diversos os fatores e agentes que influem na composição do que é o Município hoje, entretanto, nesta pesquisa abordou-se o desenvolvimento de Uberlândia relacionado ao desenvolvimento de suas empresas e à atuação de um político. As empresas estudadas foram o *Grupo Algar* e o *Martins Atacadista*. E; Rondon Pacheco foi o político analisado. Esta escolha se deu em função das empresas serem representativas do Setor de Serviços no Município e a escolha da análise das relações entre o político e as empresas se deu em função do desenrolar da pesquisa, por perceber que as relações estabelecidas por estes agentes foram de suma importância para o contexto de desenvolvimento econômico do município e para o desenvolvimento e crescimento das empresas.

O *Grupo Algar* é um grupo empresarial que possui empresas em diferentes setores e, se origina no próprio município de Uberlândia. Atualmente o grupo atua nas áreas de Telecomunicações, Agronegócios e Serviços, tendo ainda participação acionária no *Rio Quente Resorts*, empresa do setor de turismo. Mas, neste artigo, interessa a atuação das empresas *CTBC*, *ACS* e, atualmente, a *Algar Tecnologia*, pois são empresas do grupo voltadas aos serviços de telecomunicações, que vão auxiliar a compreender os círculos de cooperação estabelecidos a partir de Uberlândia.

O *Martins Comércio e Serviço Distribuidor S/A*, doravante *Martins*, também surgiu no município de Uberlândia com a atuação de Alair Martins,

que fundou uma mercearia e ao longo do tempo transformou seus serviços varejistas em atacadistas.

Rondon Pacheco é natural da cidade de Uberlândia, nascido em 1919, filho de uma família tradicional local. Foi deputado federal em 1947, governador do estado em 1971 e chefe da casa civil no governo de Costa e Silva em 1968. Rondon Pacheco se mudou para Belo Horizonte, com 16 anos, para estudar. Formou-se em Direito. Sua família tradicional e suas histórias demonstram um pouco das relações existentes no local que fomentaram a dinâmica do município e das empresas em questão.

Para entender como o contexto atual foi construído é preciso enxergar um pouco do histórico destes agentes e relacioná-los à dinâmica local e regional, buscando entender como se estabeleceram os circuitos de produção e os círculos de cooperação que transformaram o papel do município e permitiram que este ascendesse na rede urbana.

A ideia de circuitos da produção e círculos de cooperação aqui abordada vem de Santos (1994, 1996). Para o autor vivemos um período caracterizado pela relação profunda entre a técnica, a informação, a ciência e o espaço, configurando o que denomina de meio técnico-científico-informacional. Esta configuração significa além de uma racionalidade na produção do espaço, uma racionalidade na organização deste espaço. Há uma divisão das etapas do processo produtivo ou do trabalho que se materializa no espaço.

Com a divisão do trabalho no espaço, as etapas da produção (produção, circulação, distribuição e consumo) são disseminadas em diferentes lugares de maneira a intensificar as trocas e as relações entre os lugares, emitindo fluxos de toda ordem. Essas trocas não são necessariamente em lugares contíguos, mas sim em lugares que se adéquam e se inserem na divisão do trabalho, ou divisão territorial do trabalho.

Santos (1994) aborda a divisão do processo produtivo no espaço como circuitos espaciais da produção e círculos de cooperação, definindo que as diversas etapas do processo produtivo, desde a sua origem até o consumo final, vão ser configuradas por estes circuitos e círculos em uma cadeia logística de circulação dos fluxos materiais e imateriais.

São considerados os elementos que complementam a produção, como os serviços financeiros, de distribuição, de comercialização da produção e de

comunicação, bem como as novas formas e estruturas criadas para a produção, que há muito participam dos circuitos produtivos, uma vez que as relações não se dão mais apenas por contiguidade territorial.

O mundo encontra-se organizado em subespaços articulados dentro de uma lógica global. Não podemos mais falar de circuitos regionais de produção. Com a crescente especialização regional, com os inúmeros fluxos de todos os tipos, intensidades e direções, temos que falar de circuitos espaciais da produção. (SANTOS, 1988, p. 49)

Castillo (2004) influenciado por Santos (1994, 1996) assume a seguinte definição para os termos em questão:

Os circuitos espaciais de produção pressupõem a circulação de matéria (fluxos materiais) no encadeamento das instâncias geograficamente separadas da produção, distribuição, troca e consumo, de um determinado produto, num movimento permanente. Os círculos de cooperação no espaço, por sua vez, tratam da comunicação, consubstanciada na transferência de capitais, ordens, informações (fluxos imateriais), garantindo os níveis de organização necessários para articular lugares e agentes dispersos geograficamente, isto é, unificando, através de comandos centralizados, as diversas etapas, espacialmente segmentadas, da produção. Ambos os conceitos, juntos, procuram dar conta das relações entre mobilidade geográfica, configuração territorial e condições históricas do capitalismo atual. (CASTILLO, 2004, p. 95)

A partir desta definição, entendemos que os circuitos espaciais da produção são mais bem representados localmente pelas empresas atacadistas, pois a distribuição e transporte da produção são elementos vinculados diretamente ao circuito da produção, ao passo que os círculos de cooperação podem ser

relacionados às empresas de telecomunicação locais, já que as transações e operações em comunicação são parte complementar do circuito de produção que dão origem aos círculos de cooperação.

Os circuitos de produção e os círculos de cooperação permitirão ou não que os lugares se insiram numa divisão do trabalho. Isto significa que pode haver complementaridades e competitividade, ocasionando inclusive áreas isoladas, e/ou excluídas desta divisão. Pois, o espaço é heterogêneo e a divisão do trabalho no capitalismo é desigual e hierárquica. Para adentrar nesta divisão é preciso investimentos de diversas ordens, como em infraestrutura, qualificação do trabalhador, dentre outros, de acordo com a necessidade produtiva.

É possível perceber em nosso estudo de caso uma relação de complementaridade no circuito produtivo, relacionado às empresas que contribuem para a produção, como é o caso dos atacadistas e, também num círculo de cooperação, ligado às empresas de comunicação que articulam o local com outras escalas.

Uberlândia se insere em um Círculo de Cooperação conforme os serviços de telecomunicações são desenvolvidos e servidos no e pelos agentes locais. Para entender melhor este processo, iremos expor um breve histórico da formação da *CTBC*, empresa de comunicação do *Grupo Algar*<sup>7</sup>. Paralelo a este histórico veremos a atuação de Rondon Pacheco, político local apresentado anteriormente. É importante lembrar que o papel do político é essencial para entender como as infraestruturas são possibilitadas no local, ou seja, como a técnica se dissemina no território em questão, pois a técnica não atua por si só, ela é como nos alerta Santos (1996) uma entidade sociotécnica. E, além disso, a técnica, ou os instrumentos técnicos, as próteses do território, são sempre dotadas de intencionalidade, e é preciso expo esta relação de intencionalidade através dos apontamentos que relacionam a atuação do político local com as empresas ou empresários também locais.

O *Grupo Algar* surge com a chegada do imigrante português José Alves Garcia e sua família para o município de Uberlândia para trabalhar na estrada de ferro Mogiana. O filho mais velho de José Alves Garcia, Alexandrino Garcia (futuro empreendedor do *Grupo Algar* – nome dado em sua homenagem) que

---

<sup>7</sup> Para saber mais, consultar Godoi (2007).

chega ao Brasil em 1919 junto a seu tio João Agostinho dá início a tentativas empresariais no local. Em 1920 compraram máquinas de beneficiar arroz, ao final da década de 1930 começaram a vender caixas de gasolina em um posto na entrada da cidade.

Em 1950, é fundada a empresa *Garcia S.A. Indústria e Comércio (Garinco)*. Para Rondon Pacheco<sup>8</sup> é perceptível a importância destas ações de Alexandrino, especialmente a abertura de seu posto de abastecimento porque este oferece um produto importante para os viajantes de passagem.

O próprio governo, quando criou a Fundação Brasil Central, sabe onde escolheu a sede da Fundação? Na cidade de Uberlândia. Sabe quem foi o primeiro presidente da Fundação Brasil Central? O João Alberto. Foi homem direto do Getúlio, foi inclusive interventor em São Paulo. O capitão João Alberto foi o primeiro presidente da fundação. E a Fundação Brasil Central tinha sede aqui em Uberlândia. E por quê? Não era por acaso, não. Sabe por quê? Porque naquele tempo, que foi mais ou menos em 1936, 37, 38, Uberlândia já era o principal município brasileiro e sul-americano vendedor de gasolina em caixa. Gasolina com duas latas de 20 litros. Por que isto? Para os grandes percursos. Não tinha bomba de gasolina, não. Então, vendia-se gasolina em caixa, com 2 latas de 20 litros, para os grandes percursos. Os caminhões saíam daqui, demandavam para Goiás, para Mato Grosso, conquistando as novas fronteiras. Daí, a vocação do nosso comendador, do Alexandrino, que absorveu tudo isso, porque ele foi um dos vendedores da gasolina. O começo dele foi com as bombas de gasolina, com as máquinas de arroz, com a representação da Chevrolet, das companhias de automóveis. Esse foi o começo do Alexandrino. Mas ele enxergou mais longe, foi para o setor de telecomunicações, de avanço tecnológico. Ele percebeu

---

<sup>8</sup> Todos os depoimentos de Rondon Pacheco e Ilce Folgarolli utilizados neste artigo foram extraídos do documento nomeado “Projeto: 50 anos CTBC”. Este documento encontra-se disponível na internet no sítio do Museu da Pessoa. Nas referências é possível encontrar o endereço exato para acessar o documento.

que, adquirindo a Teixeira, ia ter na mão um grande instrumento de expansão e de comunicação. (PACHECO, Rondon. Projeto: 50 Anos *CTBC*.)

A *Fundação Brasil Central*, citada por Rondon Pacheco, criada no governo de Getúlio, em 1943, era o órgão principal para implantar núcleos de povoamento nas áreas que seriam indicadas por expedições realizadas pelo grupo *Roncador-Xingu*. A citação feita permite enxergar os fluxos atraídos para o município a partir de atitudes dos agentes locais. É possível também contextualizar estas ações, pois a venda de gasolina é parte da necessidade e dos projetos de “interiorização” iniciados pelo governo de Getúlio Vargas.

Com o grupo *Roncador Xingu* formado, a primeira expedição concentrou seus principais componentes em Uberlândia para iniciar a arrancada rumo a Goiás, e posteriormente ao norte.

No que diz respeito ao *Martins*, o início de suas atividades remete à década de 1950, quando este primeiro grande atacadista da cidade abriu um armazém de secos e molhados no ano 1953 denominado *Borges Martins*, empreendido por Alair Martins com capital de seus pais. A empresa inicia suas atividades transportando produtos a um distrito de Uberlândia, chamado Martinésia, e abastecendo caminhões que adentravam o oeste do país com produtos.

Na década de 1960, o atacado passa a ser a única atividade da empresa, que encerrou as atividades de varejo e iniciou as viagens mais a oeste do Brasil para atender as demandas crescentes do interior, que foram criadas, com a construção de Goiânia, com os esforços de dinamização do interior do país a partir do governo de Getúlio Vargas e com a construção e o crescimento de Brasília. Os investimentos nesta fase incluíram a formação de frota própria com caminhões novos e mais modernos. Ao final desta mesma década, a empresa completou frota de 10 caminhões, pouco mais de 60 funcionários e foram alugados cômodos comerciais para expandir os depósitos.<sup>9</sup>

O crescimento destas empresas significava também o surgimento de uma nova elite, que articulava suas necessidades com interesses políticos, para que fossem implantadas infraestruturas que estimulassem o crescimento do

---

<sup>9</sup> Projeto: Conheça o Grupo Martins.

município e de uma imagem de município despontando, pois isto refletiria direta ou indiretamente na continuidade destas empresas.

Em 1954, a família Garcia criou junto a outros empresários locais, a *CTBC – Companhia Telefônica do Brasil Central* - que pouco tempo depois passou a ser exclusivamente da família Garcia que, em março do mesmo ano comprou a empresa telefônica Teixeira, uma companhia telefônica presente em Uberlândia desde 1919.

Segundo depoimento de Ilce Silva Fogarolli<sup>10</sup>, ex-funcionária da Empresa Telefônica Teixeira, esta se situava no mesmo lugar onde ainda hoje é a sede principal da *CTBC*, a Avenida João Pinheiro, esquina com Machado de Assis. Neste mesmo ponto, situava-se o escritório e a central automática. Para ela, Tito Teixeira foi o pioneiro nas telecomunicações em Uberlândia. Porém, a empresa não tinha condições financeiras de expansão. A cidade só tinha 500 números, fornecidos por contrato com a Ericsson do Brasil, estando estes terminais concentrados pelos comércios e pouco encontrados nas residências.

Para Ilce Fogarolli, o serviço local era bom, as ligações interurbanas é que não correspondiam às expectativas. Então, a *CTBC* foi criada pela precariedade do sistema, e porque tinha o apoio da Associação Comercial (ACIUB – Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Uberlândia) que em 1953, também era presidida por Alexandrino Garcia. Ele organizou um movimento de venda de ações para a melhoria dos serviços telefônicos de Uberlândia, que resultou numa avaliação dos serviços oferecidos pela empresa de Tito Teixeira, pois se havia interesses de expandir os serviços, tal fato significava que a empresa local não supria as necessidades.

Não havia uma pressão pública notória na época, mas acho que todo mundo sentia que estava precisando melhorar o serviço porque a cidade necessitava. Já estava aumentando o comércio, tudo, então eles necessitavam de um serviço melhor para São Paulo, Belo Horizonte. Porque aqui o serviço era mais pra São Paulo [...] Tito Teixeira não gostou de ter vendido a Teixeira. Tinha aqui o serviço dele, ele que criou tudo aquilo, então, ficou magoado, achou que botaram a faca

<sup>10</sup>

Projeto: 50 anos *CTBC*.

no peito e fizeram ele vender a Teixeira. Ele falava assim: “Tive que vender, botaram a faca no peito.” Mas, de fato a gente que trabalhava lá via que não tinha um capital para melhorar. (FOGAROLLI, Ilce, Projeto: 50 anos *CTBC*.<sup>11</sup>)

No entanto, ainda nas palavras de Ilce Fogarolli, embora a empresa de Tito Teixeira tenha sido vendida por conter apenas 500 terminais telefônicos, não atendendo a demanda crescente de serviços em Uberlândia, “esses 500 telefones permaneceram os mesmos durante muito tempo. Até alguns anos depois de constituída a *CTBC*.”

A estagnação da telefonia era, na verdade um processo que atingia todo o país. Como afirma Dias “[...] as décadas de quarenta e cinquenta assistiram à diminuição dos investimentos nas redes de telecomunicação.” (DIAS, 1996, p.118) Segundo a autora, o quadro de estagnação é explicado por três ordens de razão: (i) as dificuldades de importação dos equipamentos durante e logo após a Segunda Guerra Mundial; (ii) a competência dispersa entre as administrações federal, estadual e municipal, para a concessão da exploração privada das redes telefônicas e (iii) a prioridade atribuída, desde 1945, ao transporte rodoviário (DIAS, 1996, p.118 e 119).

Esta breve explanação dos agentes envolvidos em alguns dos processos empresariais da cidade mostra que estas elites<sup>12</sup> formadas por comerciantes atacadistas e pelos primeiros empresários do setor de telecomunicações se inscrevem num tempo histórico no qual o problema central, no país, era promover a integração do mercado nacional através do desenvolvimento das redes de transportes.

Na década de 1950, o governo de Juscelino, quando da decisão da mudança da capital, preferiu construir uma nova cidade ao invés de investir em cidades já existentes. E, para o Triângulo, esta nova construção, mesmo não sendo na região, significou um impulso para seu crescimento econômico.

Com isso, o Triângulo (mesorregião de Minas Gerais, da qual Uberlândia faz parte) foi adquirindo importância na divisão territorial do trabalho e da

---

<sup>11</sup> Projeto: 50 anos *CTBC*.

<sup>12</sup> Vale ressaltar a existência de outras elites, que não apenas as elites empresariais, compostas por proprietários rurais e outros.

produção, já que a partir da construção de Brasília deveria auxiliar na sustentação de tal obra e nas comunicações que ocorreriam entre Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1957 foi instalada em Uberlândia uma estação tronco do sistema de microondas de alta capacidade; e os empresários lutavam e investiam para que a cidade se tornasse “uma importante ponte das telecomunicações brasileiras.” (BRANDÃO, 1989, p.133). Ainda para o autor,

Ao nosso ver, sob o signo da geopolítica, o Triângulo foi se transformando num verdadeiro “posto avançado” do capital, uma ponte por onde grande parte dos interesses expansionistas teriam que passar e estabelecer aí, dentre as lideranças políticas locais, seus “testas de ferro”, daí a participação destes políticos nos quadros cupulares tanto a nível federal quanto estadual. O fortalecimento destes caminha em proporção direta com o fechamento político.” (BRANDÃO, 1989, p. 135 e 136)

Ao final da década de 1950 temos, portanto uma atmosfera de transformações no município de Uberlândia, caracterizada de maneira geral pelo início da formação de uma elite empresarial, aqui exemplificada nas famílias Garcia e Martins que fundam seus negócios no município e aprofundam a complexidade das relações locais, pois passam a atrair e estimular fluxos no local e do local para outras áreas.

A década de 1960 em diante, até os dias atuais, representa um novo período na história do desenvolvimento de Uberlândia. Pois, neste período o município ascenderá na hierarquia urbana regional, o que significa que houve mudanças significativas em seu interior, em seu papel na divisão do trabalho. Veremos a seguir como as empresas e o político Rondon Pacheco participam deste processo com suas atitudes, que trazem para o local, novas funções e emitem, a partir do local, novos fluxos.

Para tanto, a partir da década de 1960, são criadas estruturas como a Universidade de Uberlândia, fundada em 1961, mas que obteve sua federalização em 1978, o Distrito Industrial da Cidade, no qual mais tarde foram implantados os armazéns do Grupo *Martins* e alguns setores do Grupo

Algar, como a *Engeset*, e a *SABE* (gráfica do jornal Correio). Vale relembrar que entre 1960 e 1970, com o início da ditadura e com o crescimento da carreira de Rondon Pacheco, o município e as empresas, como a *CTBC* e o *Martins*, foram auxiliadas direta ou indiretamente.

Em 1961, Rondon foi secretário de Estado no Governo de José de Magalhães Pinto, e, dez anos depois, se elegeu Governador. Quando secretário acompanhou a expansão da empresa *CTBC*, em se tratando de processos jurídicos. Alexandrino Garcia entrou com pedidos para requerer para si as concessões *caducas* de telefonia do Triângulo Mineiro, concessões que o próprio Rondon assinou. A *CTBC* acumulou 40 concessões que corporificou a companhia telefônica, fazendo-a crescer, Alexandrino pôde ir para Uberaba e, posteriormente Franca e, Pará de Minas, dando início à sua expansão. Foi Rondon Pacheco que recebeu os quatro diretores da *CTBC*, em Belo Horizonte,

Minhas luzes jurídicas, políticas, valeram alguma coisa a eles, porque eles tinham as luzes empresariais, e eu pude adverti-los sobre muitas contingências. Eu acho que o grande lance do Alexandrino e seus companheiros foi se aliar logo à Ericsson, que era realmente um setor altamente especializado em telefonia. É sueca, e foi para a Suécia que ele mandou o Luiz fazer curso e estudar. O representante da Ericsson no Brasil chamava-se Kantif. Esse Kantif fez uma grande amizade com o Alexandrino, tiveram identidade, amizade, além das relações comerciais, e venderam logo, porque não era possível, a Teixeira estava superada, em face do estágio de 1951, 52; já era hora do telefone automático. Não comportava mais manivela, telefone a pilha e outras coisas. Já era estação automática. E eles compraram a central telefônica na Suécia [...] Mas isso demandava uma postulação nos órgãos burocráticos, a Cexim era exercida por delegação, pelo Banco do Brasil. Cexim é Conselho Exterior do Comércio de Importação. Eu tinha conhecimento, e o Kantif não me dava sossego também, não era só o Alexandrino, não. O Kantif era um homem que estava, diariamente, lá nos corredores da

Câmara: "Olha, Dr. Rondon, se Uberlândia perder essa central, o senhor não se reelege!" Era um grande argumento: "O senhor não se reelege, a frustração lá vai ser total!" Eu falava: "Ah, mas a minha responsabilidade não é tão grande assim porque sou oposição! O governo aqui é que tem a maior responsabilidade. Eu sou da oposição". (PACHECO, Rondon. Projeto: 50 Anos *CTBC*.)<sup>13</sup>

Alexandrino e seus sócios conseguiram a licença de importação mesmo com a desvalorização monetária da época em função da rede social que foram estabelecendo. No entanto, como conta Rondon, havia outro problema, pois a cidade não dispunha de energia elétrica suficiente,

O mesmo trabalho que eu tive de fazer para o Alexandrino na central telefônica, tive de fazer para importar as turbinas da Prada, aqui da usina local. E o mesmo trabalho que eles fizeram aqui, criando, constituindo a empresa telefônica *CTBC*, a Prada fez em nome próprio, conseguindo representantes aqui na Associação Comercial, com o Sr. José Rezende Ribeiro e outros correndo o comércio, o Juquita Rezende correndo o comércio aí, arrumando novos acionistas para a Prada e para comprar, para que Uberlândia estivesse aparelhada na sua usina hidrelétrica. (PACHECO, Rondon. Projeto: 50 Anos *CTBC*)<sup>14</sup>

Como se pode perceber, "[...] Uma sólida infraestrutura de transporte, e comunicações foi bancada pelo capital mercantil local." (BRANDÃO, 1989, p. 174).

Com o golpe militar em 1964, diversos setores sofreram pressão.

Ter um representante local em um governo ditador auxiliou e até mesmo fortaleceu a questão regional, pois quando Chefe da Casa Civil do governo de

---

<sup>13</sup> Projeto: 50 anos *CTBC*.

<sup>14</sup> Projeto: 50 anos *CTBC*.

Costa e Silva em 1968/69, Rondon pôde acompanhar alguns processos, dentre eles as estatizações, e problemas como o da *CTBC* em permanecer privada.

Atribuo à capacidade funcional o fato de uma companhia como a *CTBC* ter se mantido privada inclusive durante todo o processo dos governos militares, que queriam estatizar todas as companhias. Ela estava preenchendo as suas condições, a tarefa lá já era imensa, até que chegou um ponto que foi preciso privatizar, porque, primeiro, houve aquela concepção que foi um pouco assim resultante da sistemática de segurança, tudo acontecendo muito depressa, a técnica militar, a defesa contra a bomba atômica, aquela coisa toda, o radar, e o Brasil avançou muito, avançou e compreendeu que tinha de desenvolver o sistema de telecomunicações e desenvolveu. (PACHECO, Rondon. Projeto: 50 Anos *CTBC*)<sup>15</sup>

No entanto, as telecomunicações eram encaradas como segurança nacional, e a companhia obviamente sofreu pressões e até perdeu concessões como na cidade de Morrinhos-GO.

Quantas vezes tive de interferir. Eu lembro que o Luiz teve um problema, aí em Goiânia, que me telefonava às madrugadas, tentando, naturalmente, e o poder estatizante inconformado. Por exemplo, a própria mentalidade, uma empresa mineira, uma empresa de Uberlândia, dominando o Estado de Goiás, essa mentalidade era muito restritiva do poder. Por que uma empresa mineira vai dominar uma empresa goiana e assim por diante, se isso é estatizado, se é do próprio Estado? E a telefônica deve ter enfrentado problemas muito complexos nessa coisa toda, que exigiam diplomacia, clarividência, tirocínio, muita racionalização para o trato diplomático. E com uma circunstância: o setor de telecomunicações era estatizante, mas era também muito dominado pelo setor

---

<sup>15</sup>

Projeto: 50 anos *CTBC*.

militar, em razão da segurança. (PACHECO, Rondon. Projeto: 50 Anos *CTBC*).<sup>16</sup>

Através de ações como as de Rondon Pacheco, podemos compreender como a *CTBC* não sofreu estatização, mesmo sendo considerada por Rondon autossuficiente e atuante no sentido de expandir seus serviços, pois no governo militar, uma das prioridades era a estatização; e quase todas as empresas de telefonia, como a do então governador Valadares de Minas, não resistiram às pressões. No caso da empresa de Uberlândia, parece ter sido imprescindível a participação do político local Rondon Pacheco.

Essas transformações comportamentais ocorreram, como em outras ditaduras no mundo, principalmente, em função de políticas e ações estratégicas das forças armadas que incluíram instalação de bases militares em diversos locais para evitar revoltas, estabelecer controle no espaço e criar uma atmosfera de segurança e ao mesmo tempo de coerção, de acordo com a posição declarada ao regime. Em caso de aceitação, como em grupos uberlandenses, esta poderia significar inclusive investimentos locais, pois houve instalação de um “grande contingente militar na região e a abertura de faculdades em Uberlândia, além de outras benesses.” (Brandão, 1989, p.136)

Embora os governos militares tenham, a partir de 1968, construído um período próspero economicamente, de crescimento acelerado ocasionado em função das reformas e de condições internacionais favoráveis, o país enfrenta, a partir de 1974, crises para a manutenção deste crescimento. E, mesmo que os militares objetivassem tornar o Brasil uma potência, estes estavam contrapondo interesses e situações mundiais, pois se tratava de um período de retração do crescimento e de crise, cabe lembrar a crise do petróleo que se deu em 1973-74.

O II Plano Nacional de Desenvolvimento foi formulado para, independentemente da crise mundial, assegurar ações que estimulassem e organizassem as instituições do governo e fomentar um ideal nacionalista. Nas palavras de Dias (1996),

---

<sup>16</sup> Projeto: 50 anos *CTBC*.

No quadro de uma política de autonomia tecnológica, a ação governamental, durante a vigência do II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979), revelava a preocupação em assegurar a coerência entre: de uma parte a política científica e tecnológica; de outra parte, a política industrial. As formas de intervenção do Estado brasileiro, que respondiam a considerações de estratégia econômica e de soberania nacional, condicionaram as primeiras ações da Telebrás, consagradas ao fortalecimento do controle nacional sobre a produção de equipamentos de telecomunicações. (DIAS, 1996 p. 121).

Em Minas Gerais, Rondon Pacheco é eleito governador em 1971, e suas ações seguem um pouco do perfil militar nacionalista como veremos adiante.

É pertinente atestar para o fato de que este uberlandense foi escolhido para governar o Estado de Minas Gerais em um dos períodos mais importantes em termos de expansão econômica da história recente do país. Rondon Pacheco assumiu o governo estadual em março de 1971, ficando à sua frente até março de 1975. O desempenho da economia mineira, neste período causou verdadeira euforia. (BRANDÃO, 1989, p. 137)

Quando eleito governador do Estado, Rondon compra a Prada e a incorpora à Cemig, e em seu depoimento, argumenta que essas ações auxiliaram no desenvolvimento de Uberlândia.

E veja o que é o destino do homem: o que eu vinha comprar como governador para a Cemig? Comprei a Prada! Encampeei a Prada! E a incorporei à Cemig, para que Uberlândia pudesse dar seu grande salto, seu grande arranco e, no meu governo, mandei construir a usina de São Simão, que triplicou toda a geração da Cemig. Aqui, no canal de São Simão, porque, até Itaipu, era a maior usina do país. Foi construída no meu governo. Deslançou o crescimento, mas, antes disso, eu já havia conseguido ligar Cachoeira Dourada a Uberlândia, com verbas federais, conseguindo verbas, subsidiando a Cemig,

fazendo essa rede de intercomunicação elétrica, o que era o fundamental para a própria telefônica. Tinha de ter energia elétrica, sem o que a cidade não podia deslanchar. (PACHECO, Rondon. Projeto: 50 Anos *CTBC*)

Para as empresas e para o desenvolvimento econômico do município essas ações de Rondon são importantes. Sem os investimentos na geração de energia elétrica, as ações da *CTBC* e do *Martins* estariam também limitadas, bem como a de todo processo produtivo.

Para a região do Triângulo cabe destaque em três questões: ao possível reforço da posição de Belo Horizonte, fortalecendo as relações com o governo mineiro; a descentralização industrial orientada pela incorporação dos recursos minerais da periferia nacional, em especial, os das áreas de fronteira e a visão concernente à agropecuária promovendo o Brasil a “celeiro do mundo”, abrindo novas frentes de divisas e privilegiando a agroindústria como “difusora de novas tecnologias”. (BRANDÃO, 1989, p. 141)

É neste âmbito que tem início o processo de extensão das condições de produção industrial à agricultura. Novas terras são para tanto necessárias e por isso mesmo as terras do cerrado, bem como diversas áreas até então “menos” produtivas, passam a ser encaradas como um enorme potencial. Com isso, no decorrer da década de 1970, a economia regional evoluiu,

[...] a taxas superiores às registradas para a economia estadual. Enquanto o PIB mineiro cresceu a uma média de 9,97% no período, o produto no Triângulo expandiu-se a uma média de 11,07%, cabendo destaque à segunda metade da década quando a região assume a posição de macrorregião que mais cresceu em Minas (9,6% contra 7,7% da média estadual), ultrapassando a taxa de crescimento da região metalúrgica. (8,5%) (BRANDÃO, 1989, p.141 e 142)

No começo dos anos 1970, a estratégia nacional era de expansão agrícola em função da demanda desta nova sociedade urbana do Brasil. Para isso o Estado direcionou a política agrícola de modo a atender objetivos específicos como:

[...] a expansão concentrada, por produtos e regiões, do crédito agrícola; cessão de subsídios à produção e consumo de insumos e tecnologia modernos; ampliação simultânea do capital estatal e particular; o estímulo à instalação de agroindústrias e instalação de infraestrutura básica – física e institucional – para a entrada do capital no setor agrícola. (SILVA, 2006 p. 07).

Em Minas, um dos principais focos de atenção desta política, foram as áreas de cerrado, em especial a região do Triângulo Mineiro.

Era o início de um novo período de extensa, mas incompleta, dissolução das relações de produção tradicionais na agropecuária mineira e pelo crescimento das desigualdades regionais, função do desenho das ações do governo. Esse impulso de *industrialização da agricultura* está inscrito no movimento de expansão do PIB mineiro durante a primeira metade dos anos 1970. A segunda metade da década, porém traria a desaceleração deste crescimento, na esteira da crise do petróleo e do colapso do modelo baseado no gasto público lastreado em recursos estrangeiros. (SILVA, 2006 p.07)

Na década de 1970, o município de Uberlândia possuía uma população de mais de 100 mil habitantes, e o armazém *Martins* continuava sua expansão. Em 1972, o grupo empresarial é premiado por Rondon Pacheco. Na condição de governador do Estado ele premia Alair Martins como comerciante do ano. Em 1973, a empresa inaugura novo armazém e já possui uma frota de 45 caminhões. Nesta mesma década os empreendedores do *Martins* diversificam

sua área de atuação instalando na cidade uma indústria de grampos e pregos (Metalgrampo), uma madeireira (Madeireira Ipê) e comprando uma rádio local (Rádio Visão). Mas, talvez o fator que demonstre mais claramente o crescimento e a força que a empresa adquire, é o fato de em 1976 ela começar a atuar não só no interior, mas também em algumas capitais estaduais.<sup>17</sup>

O município neste período passa por grandes transformações; cresce, de acordo com Soares (1995) cerca de 6,69% ao ano, entre a década de 1970 e a de 1980. O apoio do governo estadual, dado pelo então governador Rondon Pacheco, permitiu a ampliação do sistema de abastecimento de água e o fornecimento de energia da cidade. Atitudes certamente complementares às necessidades de empreendimentos, como a informatização do *Martins*, que tem início em 1976 e que termina a década com faturamento anual de 20 milhões de reais e aproximadamente 330 funcionários.<sup>18</sup>

Os anos 1970 e 1980 representaram para a *CTBC* e as telecomunicações na cidade de Uberlândia, crescimento, aquisição de novas concessões em diversas cidades do interior de Minas, Goiás e São Paulo. Além disso, foram instalados serviços de DDD e DDI em diversas cidades. Em 1975, a empresa passa a utilizar pela primeira vez um computador eletrônico da IBM que inaugurou o centro de processamento de dados em Uberlândia. Vale destacar que durante a década de 1980 houve uma reestruturação da *CTBC*, que culminou na redução de seu corpo de trabalho, e na formação de duas empresas: a *X-Tall*, em 1986, para a produção de fibras ópticas, e a *Empe/AS*, em 1988, com vistas ao desenvolvimento de peças mecânicas para abastecimento interno e para o mercado consumidor.

Na transição política ocorrida em 1984, os maiores desafios eram a contenção de gastos, as altas taxas de juros, a restrição dos créditos e as pressões do FMI, que só puderam ser rearticuladas em função da própria recessão em que o país se encontrava, pois as importações diminuíram e houve um estímulo às exportações.

As crises também afetaram o setor das telecomunicações e o desenvolvimento de tecnologias nacionais de telecomunicação. Embora no ano de 1985 a rede telefônica tenha integrado todos os municípios brasileiros,

---

<sup>17</sup> Projeto: Conheça o Grupo Martins.

<sup>18</sup> Projeto: Conheça o Grupo Martins.

esta integração se deu de forma heterogênea sendo considerada apenas virtual, pois os satélites poderiam alcançar as cidades, não significando que todas as cidades dispunham de serviços de telefonia.

Na década de 1980, o *Martins* construiu a Central de Distribuição de Uberlândia, no Distrito Industrial de Uberlândia, com área de armazenamento de mais de 29 mil metros quadrados, na qual as mercadorias são dispostas em um armazém distribuído em quarteirões, ruas e apartamentos, e em empilhadeiras de mais de 10 metros de altura. E, até o final da mesma década, esta Central de Distribuição foi complementada pelos CDA's, os Centros de Distribuição Avançados, formados por três centros principais, localizados em Uberlândia (MG), João Pessoa (PB) e Manaus (AM) e outros pontos situados em 18 estados para funcionar como entrepostos da central de Uberlândia.

Em função da atuação do *Martins*, Uberlândia se conecta com diversos municípios do país para distribuir e organizar a distribuição da produção a partir de pontos espalhados no território.

A década de 1990 tem início com a gestão do primeiro presidente eleito por voto direto após o regime militar, porém esta gestão:

[...] não poderia ter sido mais desalentadora para os democratas. Voltado para uma agenda marcadamente econômica, Collor de Mello fez do mandato uma negação da política, que reduziu a gestos voluntaristas e manobras publicitárias, a serviço de metas definidas arbitrariamente, ainda que em conformidade com o discurso dominante. Estabilização da moeda, liberalização da economia e integração do país ao comércio internacional eram as metas que compunham a receita de modernidade oferecida ao país pelo presidente Collor. Alcançados os objetivos, o Brasil seria alçado ao Primeiro Mundo, ingressaria no concerto das nações civilizadas. (COSTA, 2002, p. 258)

Neste sentido, tem continuidade o discurso de ascender o Brasil como potência, a partir de uma nova postura, que na figura de Collor delimitava que

o novo inimigo da modernidade nacional era o próprio Estado e que sua figura jovem e baseada nos *yuupies* norte-americanos, tidos como modernos empreendedores, traria novas formas de tornar a modernidade possível.

[...] A cooptação das massas pelo líder se daria agora mediante a produção de um inimigo comum: o próprio Estado; intervencionista, cartorial, parasitário. Saneado o Estado, reduzido seu escopo, o mercado ocuparia a cena diminuindo custos, aumentando competitividade, expandindo renda, beneficiando trabalhadores. Se os ganhos para os assalariados não fossem mais tão imediatos quanto os providos pelo modelo varguista, seriam duradouros, permanentes. Outra não seria a receita que estaria orientando a busca do bem estar social ao redor do mundo, das democracias consolidadas da Europa ocidental às novas democracias da Europa central, dos Estados Unidos ao México e Chile, sem mencionar as experiências bem sucedidas do sudeste asiático. Para que o Brasil não ficasse à margem dessa tendência, que se presumia definitiva, bastaria confiar na capacidade do líder de controlar o Estado, de dar livre curso às forças do mercado, sem mediações políticas ou sociais. (COSTA, 2002, p. 261)

O discurso da modernidade vinculada à liberalização de ações para o mercado em detrimento do Estado, não foi apenas difundido no Brasil, mas em vários países do mundo, com grandes diferenças de comportamento. A inicial ideia da relação de distanciamento da economia e estado foi disseminada por economistas clássicos e teve na Inglaterra como um dos primeiros representantes. No entanto, as ações para liberalizar a economia nos países mais ricos foram acompanhadas de perto, ao contrário do proposto para os países mais pobres como na citação anterior: dar livre curso às forças do mercado, sem mediações políticas ou sociais.

Em 1992, Collor de Mello foi afastado do cargo, não pelo apoio a sacralização do mercado, mas por denúncias de esquemas de corrupção. Com

seu afastamento e posterior *impeachment*, o vice-presidente Itamar Franco assumiu os dois anos restantes de mandato.

No final do mandato de Itamar Franco, o Plano Real (1994) praticamente define a sucessão deste e assegura a eleição de Fernando Henrique Cardoso. O governo de Fernando Henrique Cardoso trouxe expectativas positivas de vários analistas; no entanto, a coligação PSDB e PFL apenas habilitou o então presidente,

[...] a pôr em prática no Brasil o que Clinton propunha em Washington, Blair em Londres, Sampaio em Lisboa, Prodi em Roma, Jaspin em Paris. A “terceira via” chegava ao Brasil, integrando o país ao mundo, reformando o Estado, que perderia o monopólio que detinha desde sempre no tratamento da questão social, a ser gerida agora em parceria com o terceiro setor, com as associações públicas não estatais. Aqui estaria o caminho possível para a modernidade, a “utopia possível”, insistiam Cardoso e seus pares. (COSTA, 2002, p. 275)

O monopólio perdido não foi apenas no tratamento da questão social, mas em diversos setores como o das telecomunicações. Esta abertura do país, em função de empréstimos facilitados por planos desenvolvidos por países ricos, significou uma abertura com grandes “inconvenientes”, pois,

No período Fernando Henrique Cardoso [...] o Brasil aproveitou-se do acesso a um crédito internacional relativamente barato, se comparado com o preço dos empréstimos internos, como um fluxo de recursos que viabilizaram a manutenção de significados déficits comerciais, em um período importante de estabilização dos preços internos. Porém, a dependência criada em relação a este capital e ao sistema financeiro internacional traz consigo os inconvenientes [...] instabilidade de fluxos de capitais, a facilidade com que crises em determinados países se transmitem para a economia interna do país e a perda de liberdade na condução das políticas econômicas internas. (GREMAUD, 1999, p. 359, 360 e 361)

Na década de 1990, o *Martins* se configurou como o maior atacadista da América Latina, segundo o *ranking* da ABAD (2006)<sup>19</sup>, e iniciou o período com um faturamento de 421,2 milhões de dólares<sup>20</sup>. Neste mesmo período surgiram novos investimentos em um banco de financiamentos para varejistas e fornecedores, denominado *Tribanco*. Instituiu-se também a *Universidade Martins do Varejo*, uma instituição corporativa para oferecer projetos e consultorias aos profissionais do Varejo. Criou-se adicionalmente o *Telemartins*, para vendas e central de atendimento aos clientes, que passou a ser realizado por uma empresa do *Grupo Algar*, a *ACS*, criada em 1999.

Em 1998, o governo de Fernando Henrique Cardoso coloca em prática o projeto das privatizações brasileiras. No caso das telecomunicações, este projeto contou com a venda e divisão da Telebrás em quatro áreas de outorga que foram arrematadas por empresas privadas, em sua maioria, de capital estrangeiro.

Contudo, para entender o contexto de relação entre o circuito de produção e o espaço, a partir da abertura comercial estabelecida com mais força na década de 1990, é preciso inserir outro conceito, o de Redes, pois a articulação que se dá entre a divisão dos processos da produção no espaço se torna crescentemente mais complexa, convocando espaços distantes a participar de uma produção global. Assim, a categoria Redes pode nos auxiliar em função desses espaços se articularem independente de contiguidade territorial.

A categoria de Redes surge na filosofia de Saint Simon, segundo Dias (2005) como uma analogia do organismo com o território: o organismo-rede. O autor transformou o conceito de rede em ferramenta que permitia a relação das necessidades do organismo com as necessidades do espaço, buscando a transformação do espaço de maneira a instituir um melhor funcionamento, pois se a circulação no organismo o faz eficiente, uma boa estrutura de circulação no espaço também o faria mais eficiente.

Segundo Musso (2003) *apud* Dias (2005), Saint Simon “forjou” o conceito de redes para pensar a mudança social, suas ideias estavam voltadas para melhorias sociais, como uma busca de instrumentos que pudessem auxiliar no

---

<sup>19</sup> ABAD – Associação Brasileira de Atacadistas-Distribuidores.

<sup>20</sup> Projeto: Conheça o Grupo Martins.

desenvolvimento social, mas seus discípulos teriam feito o caminho inverso, pensando a rede como própria produtora das relações sociais, ou de uma revolução social, como se a rede técnica, por si só pudesse produzir uma revolução política ou social.

Para Dias (2005), a rede tem sido pensada, principalmente nas ciências humanas, como forma particular de organização: social, – com os grupos, instituições ou firmas; urbana; transacional ou económico-político; ou técnica. Segundo a autora esta se difundiu enormemente em nossos dias em função de um contexto caracterizado pela aceleração dos fluxos de diversas ordens.

Santos (1996) distingue duas ideias de rede, uma que considera seu aspecto material e outra que considera seu alcance ou seu dado social.

Curien (1988) conceitua a rede pensada apenas sob o ângulo material como sendo:

[...] toda infraestrutura, permitindo o transporte de matéria, de energia ou de informação, e que se inscreve sobre um território onde se caracteriza pela topologia dos seus pontos de acesso ou pontos terminais, seus arcos de transmissão, seus nós de bifurcação ou de comunicação. (CURIEN, *apud* Santos, 1996 p.262)

Entretanto, para Santos (1996) a rede não é só material, ela é também social e política em função das pessoas, mensagens e valores que a frequentam. O autor vai mais além e diz que a rede é um meio pelo qual normas e ordens de atores longínquos se fazem repercutir instantaneamente e imperativamente em lugares distantes e diferentes. Para ele, as redes são os mais eficazes transmissores do processo de globalização que assistimos.

A Rede é um elemento que se constitui localmente pelas ações, normas e atitudes que são tomadas pelos empresários e políticos locais, mas também pelas infraestruturas que são estabelecidas a partir de Uberlândia e atuam como braços deste município levando informações, produtos, dentre outros elementos do lugar para outros. É possível perceber neste artigo que foi preciso uma rede material e imaterial construída a partir do município para que os interesses dos agentes locais pudessem ser alcançados. Ou seja, se fez necessária a rede social estabelecida com a política, além da rede social

estabelecida empresarialmente, acordos com diversas empresas, produtores, prestadores de serviços; como também a construção de diversas infraestruturas que estabeleceram a rede técnica para o desenvolvimento das atividades, como a rede de energia construída, as rodovias, a rede de fibra óptica, dentre outras.

Para entender como a Rede se torna complexa é preciso retornar o estudo de caso. No exemplo das telecomunicações, as privatizações da década de 1990 acarretaram na transformação do papel e do poder da Embratel, empresa responsável pelas chamadas de longa distância. Esta teve parte de seu capital vendido e assimilado por uma empresa norte-americana e, mais adiante, foi novamente vendida para a *Telmex* uma empresa Mexicana. Além disso, criou-se a *ANATEL*, a agência reguladora das atividades do setor com papel relativamente independente do governo. Delimitando áreas de outorga e número de empresas para atuar em cada uma delas, o projeto era justificado pelo estímulo à concorrência, que teoricamente traria mais serviços e preços diferenciados.

A abertura comercial e financeira, característica dos anos 1990, deixou a *CTBC* em uma situação delicada, pois não sendo estatal, não houve privatização; e por isso mesmo passaria a estabelecer concorrência, não mais com o Estado, mas sim com empresas e com o capital externo que chegava.

As transformações ocorridas em função da abertura do mercado nacional em alguns setores da economia não geraram, em um primeiro momento, conflito direto com a telefônica uberlandense, exatamente porque a estratégia tanto da *CTBC* quanto do *Martins* de servir “onde ninguém vai” a princípio não representou grande interesse aos novos investidores.

No entanto, o desenvolvimento tecnológico dos anos 1990 se deu de forma acelerada, trazendo, para o país novos produtos, serviços e tecnologias com alcances espaciais maiores. O fato de as novas tecnologias permitirem que os serviços atendessem áreas bem mais vastas do território comprometeu o que até então era o diferencial da *CTBC*, na medida em que novas empresas passaram a atuar em áreas de “influência” ou prestação de serviços da *CTBC*.

Em função da demanda por novos serviços e tecnologias, o serviço de telefonia móvel celular é desmembrado da *CTBC* em 1993, e forma uma empresa independente dentro do *Grupo Algar*, a *CTBC Celular*. Em 1996,

essa empresa implanta o serviço de telefonia móvel digital, para facilitar as comunicações em diferentes ambientes. Até 1996 são também implantadas as redes de fibra óptica para servir pequenas cidades e empresas locais como a Rezende Alimentos (indústria alimentícia local que na década de 1990 é adquirida pela Sadia).<sup>21</sup>A criação da ACS também ilustra a necessidade do *Grupo Algar* em continuar inovando e investindo para se manter competitivo.

Estas ações culminaram em transformações ao município, envolvendo este em novas rotas de comercialização e em novas formas de comercialização que trouxeram a ao local uma diversidade de fluxos maior, que a partir das privatizações inclui fluxos internacionais, mais densos.

A *ACS Contact Center*, surge em 1999 para oferecer serviços de atendimento aos clientes. Com esses novos tipos de serviços, denominar-se há o *Grupo Algar*, a *CTBC* e a *ACS* como empresas de tecnologia da informação, e não mais como empresas de telecomunicações, pois houve uma diversificação dos serviços que se modernizaram em função das necessidades dos grandes clientes, do mercado local, consequência da concorrência aberta pelas privatizações do setor.

A área de atuação da *CTBC* se dá em escalas diferentes, dependendo dos serviços em questão. Por exemplo, no que diz respeito à telefonia fixa é possível perceber que a empresa oferece serviços apenas na região mais central do país, próxima à Uberlândia, abrangendo cidades como Uberaba-MG, Franca-SP, e outras localidades. Porém, a análise dos serviços de fibra óptica expõe que a área abrangida é maior, seguindo de Uberlândia (MG) até Porto Alegre (RS). Mas, em sua maioria, a rede foi construída na região central do país, abrangendo o Triângulo Mineiro, uma parte da região central de Minas Gerais e adentra no estado de São Paulo, em direção ao Sul do país. Esta rede se destina à transmissão de dados e é utilizada por diversas empresas, dentre elas a IBM situada em Campinas-SP.

A *ACS* chegou a 2005 ocupando a sétima posição no *ranking* de faturamento de empresas do ramo de *contact centers* do Brasil, e sendo responsável pelo atendimento de grandes clientes como *Martins*, *Sadia*, *Monsanto*, *CTBC*, *TIM*, *Dupont* dentre outros. <sup>22</sup> Em 2009, o *Grupo Algar*

---

<sup>21</sup> Linha do Tempo CTBC.

<sup>22</sup> ACS Contact Center.

une a *CTBC Telecom* e a *ACS* e cria a *Algar Tecnologia*, uma empresa responsável pelo desenvolvimento de produtos na área de tecnologia da informação e consultorias.<sup>23</sup>

No caso da empresa *Martins*, embora a década de 1990 tenha findado com crescimento, investimentos e desdobramentos em novos serviços, a abertura do mercado nacional também exigiu novas formas de atuação. Semelhante ao caso da *CTBC*, o *Martins* também sofreu novas exigências para estabelecer concorrência e negociar com investidores estrangeiros.

A entrada de grupos estrangeiros no país, ocorrida com as transformações da década de 1990, que adquiriram grandes redes varejistas nacionais, aumentou o poder de negociação destes frente aos atacadistas. Diante desta situação, o *Martins* teve como iniciativa a criação de uma rede de varejistas de menor porte, a *Rede Smart*. Esta rede é composta por lojas independentes, ou seja, não são pertencentes ao *Martins*, que estabelecem acordos e se tornam clientes do atacadista e este, por sua vez, oferece alguns serviços.

Com a instituição desta rede de lojas, o *Martins* retorna a sua estratégia inicial de atendimento a comerciantes menores e garante novamente um nicho de mercado, pois, tendo sua rede de distribuição já estabelecida no país, este está apto a ser o distribuidor destes varejistas, retirando uma parcela de clientes dos grandes varejistas. Para isso, o grupo oferece algumas “vantagens”, que denominam de suporte para modernização dos negócios, em que estão vinculados serviços de suporte e treinamento oferecidos pela Universidade *Martins* do Varejo, suporte em *marketing* e comunicação, central de compras que pode ser realizada por meio do uso da internet, plano de lucratividade para a loja e acesso ao capital competitivo, através do banco da empresa, o *Tribanco*.

Esta estratégia possibilitou novo fôlego à empresa que atualmente possui suas centrais de armazenamento em diversas cidades espalhadas pelo território.

A rede logística do *Martins* mostra que a atuação de suas Centrais de Armazenagem e Distribuição (CDA's) se estruturam a partir de três centrais

---

<sup>23</sup>

Algar Tecnologia.

principais, localizadas nas cidades de Manaus (AM), Uberlândia (MG) e João Pessoa (PB), e outras filiais que podem ser fiscais apenas ou de transação de mercadorias situadas em cidades como Brasília (DF), São Paulo (SP), Florianópolis (SC), Chapecó (SC), Londrina (PR), Curitiba (PR), dentre outras. Por isso mesmo, de uma maneira geral, podemos dizer que, a partir de Uberlândia, o *Martins* estabeleceu sua rede de atendimento por quase todo o país. Ao mesmo tempo, inseriu a cidade num circuito espacial de produção, especializando-a como atacado-distribuidora de mercadorias que são divididas em quatro grandes grupos denominados pelo *Martins* como: eletro, varejo alimentar, construção e veterinária e marcas exclusivas.

Assim, associando o papel de arrecadação de impostos e de inserção de novos fluxos que partem de Uberlândia ou que chegam na cidade, confirma-se a importância econômica destas empresas para o local e a função cooperativa que acabam estabelecendo os circuitos espaciais de produção e círculos de cooperação criando uma relação econômica com o local.

#### **4. Considerações finais**

O presente artigo analisou o papel das empresas de comunicação e transporte de Uberlândia, como elas se desenvolveram e auxiliaram na estruturação dos circuitos de produção e círculos de cooperação a partir do local. Paralelamente analisou-se o papel do agente político Rondon Pacheco, como este no decorrer de sua carreira pôde ajudar no desenvolver destas empresas e na construção de uma rede técnica e social que permitiu o crescimento econômico das empresas do *Grupo Algar* e *Martins* bem como de Uberlândia-MG.

Foi feita uma analogia para compreender estes processos, identificando as empresas de tecnologia da informação como sendo responsáveis pelos Círculos de Cooperação, e os serviços de transportes, exemplificados na atuação de um Atacadista, como principal responsável pela inserção de Uberlândia em um Circuito da Produção.

O papel das empresas no posicionamento de Uberlândia como importante município prestador de serviços do Estado de Minas Gerais foi ilustrado, e

detalhou-se como se estruturou cada circuito e círculo e suas relações no espaço que tem relacionado Uberlândia a diferentes pontos no território brasileiro e no mundo.

Paralelamente foi exposto como se deu o processo de formação das elites empresariais locais, alertando para a existência de outros tipos de elite, como a elite ligada ao agronegócio.

Elaborou-se também uma relação entre a categoria Redes e os conceitos de circuitos da produção e círculos de cooperação para compreender as transformações relacionadas a estes processos que se deram a partir da década de 1990.

E, por fim, explicitamos que a partir das redes sociais e da rede técnica os agentes locais inseriram Uberlândia em uma dinâmica maior, que possibilitou relacionar o local com demais áreas do território brasileiro e do mundo, garantindo ao município um papel na divisão territorial do trabalho que ainda hoje se mantém em função de esforços e investimentos neste contexto capitalista.

## Referências

ABAD - Associação Brasileira dos Atacado-Distribuidores. Disponível em: <<http://www.abad.com.br>>. Acesso em: 28 de Julho, 2010.

BRANDÃO, C. A. *O Triângulo. Capital Comercial, Geopolítica e Agroindústria*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1989.

ACS Contact Center. *Apresenta* Dados sobre Ranking Nacional Contact Centers e sobre as empresas do Grupo Algar. Disponível em: <<http://www.algar.com.br>>. Acesso em: 30 de julho de 2010.

Call Center Inf. *Apresenta* dados sobre empresas de Call Center no Brasil. Disponível em: <<http://www.callcenter.inf.br>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2010.

CASTILLO, R. Transporte e Logística de granéis sólidos agrícolas: Componentes estruturais do novo sistema de movimentos do território brasileiro. *Investigaciones Geográficas, Boletín del Instituto de Geografía*, México.n. 55, p. 79-96, mês. 2004.

Companhia Telefônica do Brasil Central. *Apresenta* dados da empresa de telefonia chamada CTBC. Disponível em: <<http://www4.ctbctelecom.com.br/index.jsp>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2010.

Companhia Telefônica do Brasil Central. Apresenta dados da empresa de telefonia chamada CTBC. *Linha do Tempo CTBC*. Disponível em: <<http://www.ctbctelecom.com.br/ctbc/lintempo.nsf/pagprin>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2010.

COSTA, T. Os anos noventa: o ocaso político e a sacralização do mercado. In: MOTA, C. G. (Org.). *Viagem Incompleta*. A experiência brasileira (1500 – 2000). A Grande Transação. São Paulo: Senac, 2000.

DIAS, L. C. Redes Eletrônicas e Novas Dinâmicas do Território Brasileiro. In: \_\_\_\_\_. *Brasil: Questões Atuais da Reorganização do Território*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 115-144.

\_\_\_\_\_. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, J. E. *et al.* (Org.). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995.

FOLGAROLLI, I. *Projeto: 50 anos CTBC*. Museu da Pessoa. Disponível em: <[http://www.museudapessoa.net/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?acao=ver&idDepoenteHome=2390&forward=HOME\\_DEPOIMENTO\\_VER\\_CTBC](http://www.museudapessoa.net/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?acao=ver&idDepoenteHome=2390&forward=HOME_DEPOIMENTO_VER_CTBC)>. Acesso em: 10 de janeiro de 2010.

Fundação João Pinheiro. Apresenta estudos e pesquisas da Fundação João Pinheiro. Disponível em: <<http://www.fjp.gov.br>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2010.

Fundação Joao Pinheiro. Apresenta estudos e pesquisas da Fundação João Pinheiro. *Informativo CEI - Demografia - Regiões de Planejamento*. Disponível em: <<http://www.fjp.gov.br>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2010.

GODOI, C. N. *Desenvolvimento das Telecomunicações e a Especialização Territorial e Urbana em Uberlândia-MG*. 2007. Dissertação - Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano. 135p. - Programa De Pós Graduação Em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

GREMAUD, A. P.; VASCONCELLOS, A. M. de; JUNIOR, R. T. *Economia Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Atlas, 1999.

Grupo Martins. *Projeto Conheça o Martins*. Disponível em: <[http://www.martins.com.br/site/content/institucional/home/default.asp?secao\\_id=3&resolucao=1024](http://www.martins.com.br/site/content/institucional/home/default.asp?secao_id=3&resolucao=1024)>. Acesso em: 14 de janeiro de 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *IBGE Cidades*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 08 de agosto de 2010.

Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia. Apresenta estudos e pesquisas desenvolvidas pelo Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <<http://www.ie.ufu.br>>. Acesso em: 08 de agosto de 2010.

Martins Comércio, Serviço e Distribuidora S/A. Apresenta dados da empresa Atacadista Martins. Disponível em: <<http://www.martins.com.br>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2010.

PACHECO, Rondon. *Projeto 50 anos CTBC*. Museu da Pessoa. Disponível em: <[http://www.museudapessoa.net/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?action=ver&idDepoenteHome=2390&forward=HOME\\_DEPOIMENTO\\_VER\\_CTBC](http://www.museudapessoa.net/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?action=ver&idDepoenteHome=2390&forward=HOME_DEPOIMENTO_VER_CTBC)>. Acesso em: 10 de janeiro de 2010.

Prefeitura Municipal de Uberlândia. Apresenta dados a respeito do Município de Uberlândia em Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. Banco de Dados Integrados. Uberlândia, 2010.

Disponível em: <[http://www.uberlandia.mg.gov.br/home\\_bdi.php](http://www.uberlandia.mg.gov.br/home_bdi.php)>. Acesso em: 10 de janeiro de 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. *Painel de Informações Municipais*. Uberlândia, 2006. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2010.

RAMIRO, D. e EDWARD, J. *O descobridor do Brasil*. *Revista Veja On Line*. Ed. 1782. Dezembro de 2002. Disponível em: [http://veja.abril.com.br/181202/p\\_122.html](http://veja.abril.com.br/181202/p_122.html) Acesso em: 13 de agosto de 2010.

Revista Negócios. A arrecadação de ICMS em Uberlândia. Reportagem não assinada. *Revista Negócios*, Uberlândia, Março de 2009. Disponível em: <[http://www.revistanegocios.com.br/ver\\_noticias.asp?cat=47&nt=621](http://www.revistanegocios.com.br/ver_noticias.asp?cat=47&nt=621)>. Acesso em: 14 de março de 2009.

SANTOS, M. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. *Técnica, espaço, tempo*. Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

SILVA, H. Modernização Agrícola e Padrões de Desenvolvimento Urbano em Minas Gerais: Uma tipologia a partir de técnicas de análise multivariada. In: XII Seminário sobre Economia Mineira. Diamantina, setembro de 2006. Disponível em: <[http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario\\_diamantina/2006/Do6A073.pdf](http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2006/Do6A073.pdf)>. Acesso em: 14 de agosto de 2010.

SIQUEIRA, E. *Três momentos da história das telecomunicações no Brasil*. São Paulo: Dezembro Editorial, 1998.

SOARES, B R. *Uberlândia: da Cidade Jardim ao Portal do Cerrado – Imagens e Representações do Triângulo Mineiro*. 1995.

SOUZA, M. A. de. (Org.) *Território Brasileiro*. Usos e Abusos. Campinas: Territorial, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. *Mapa Social de Uberlândia: condições sócio-econômicas das famílias de Uberlândia*. Uberlândia: Instituto de Economia (UFU), 2001. 161p.

VIANA, G. *Privatização das Telecomunicações*. Rio de Janeiro: Notrya, 1993.